

Críticas ao Congresso

O Congresso Nacional, depois de ter conquistado o respeito de uma parcela expressiva da população em decorrência de seu desempenho nas CPIs do Caso PC e do Orçamento e no processo de *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, vem sendo submetido a severa vigilância por parte da opinião pública. Os resultados já visíveis indicam a perda do prestígio arduamente conquistado e um desprezo, que deverá aflorar nas eleições de outubro próximo com graves prejuízos não só para aqueles parlamentares a quem o eleitor negar a renovação do mandato, mas para as instituições como um todo.

A hostilidade em relação ao Legislativo aflora das mais diversas maneiras mas, como notou o deputado Adylson Motta, vice-presidente da Câmara dos Deputados em arguto artigo publicado por este jornal em sua edição de sábado, "Quando todas as manifestações têm um ponto de convergência — é triste mas necessário admitir — existe alguma verdade, descontadas as injustiças e as colocações levianas".

A primeira das injustiças é a generalização. A despeito das irregularidades, das omissões e de vários defeitos de toda ordem, não há como escapar a duas conclusões: 1) Se o País está mal com o atual Congresso, pior estaria sem ele. Nem o pior nem a soma de todos os eventuais defeitos justifica propostas de eliminação do Parlamento do cenário político; 2) Por mais fraco que seja o Congresso em termos dotes pessoais (inclusive éticos) de seus membros não há honestamente como deixar de reconhecer a presença de pessoas íntegras e capazes, algumas delas desenvolvendo um competente trabalho legislativo longe dos refletores das TVs e dos noticiários dos jornais. Além da injustiça de se lhes lançar a pecha que para alguns é merecida, existe o risco de que, pelo preconceito geral e pela falta de notoriedade de sua atuação, sejam estes os mais atingidos por uma provável renovação parlamentar nas eleições.

Um dos temas recorrentes nas críticas ao Congresso nos últimos dias tem se referido à falta de quórum nas últimas semanas. O problema, em si, não é tão grave quanto o

tom das denúncias sugere. Não apenas porque obviamente a ação parlamentar não se restringe à presença em plenário, mas também porque é preciso considerar que não houve recesso neste verão, exceto nas festas de fim de ano, que o ano passado foi exaustivo para parte dos deputados e senadores e o será também 94 (devido às eleições), mesmo segundo os mais exigentes critérios.

A coincidência do dia estabelecido pela Constituição (artigo 57) para o início do período de reuniões ordinárias do Congresso com a terça-feira de Carnaval inevitavelmente faria com que as ausências fossem naquela semana mais elevadas que o normal. As críticas, neste aspecto, são claramente motivadas pela má-vontade. Bem mais grave foi o absenteísmo elevado durante o período da convocação extraordinária pela qual os parlamentares receberam remuneração adicional inclusive quando ausentes.

Com alguma frequência se tem falado na possibilidade de alterar o calendário e a sistemática de reuniões da Câmara e do Senado — o deputado Adylson Motta defende o fim do recesso com o Congresso passando a funcionar de janeiro a dezembro, mas substituindo as sessões diárias por períodos de 20 dias intercalados por períodos de dez dias nos quais os políticos poderiam se dedicar a outras atividades especialmente contatos em suas bases. A verdade é que isso de pouco adiantaria e os 20 dias se reduziriam a 10 como hoje a semana parlamentar não costuma ultrapassar os três dias, se isso não for acompanhado de outras medidas e posturas. É verdade que os três últimos presidentes têm recorrido de forma um tanto abusiva às medidas provisórias. Mas é igualmente verdadeiro que o Legislativo tem se revelado demasiadamente moroso. Basta que se diga que, na pauta das sessões da semana passada do Congresso, estavam e estarão nesta segunda-feira projetos de resolução de 1984 e vetos presidenciais de maio de 1990. Outras importantes questões estão pendentes da apreciação do Legislativo que tem, a partir de hoje, uma oportunidade para responder da forma mais cabal às críticas que lhe são feitas.